



EROTIZAÇÃO DOS CORPOS INFANTIS, PEDOFILIA E PEDOFILIZAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Jane Felipe
Liliane Madruga Prestes
UFRGS

Resumo: O presente artigo busca problematizar alguns dos aspectos pertinentes ao debate contemporâneo em torno das “novas” modalidades de experimentação dos desejos erótico-sexuais, atreladas às tecnologias virtuais, bem como a transformações no conceito de infância e pedofilia, discutindo os modos pelos quais tais conceitos vêm sendo ressignificados nos últimos anos. A partir do referencial teórico dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero, numa abordagem pós-estruturalista de análise, pretendemos mostrar que, apesar das tentativas de aprisionar/categorizar/normatizar determinados comportamentos em torno da sexualidade, a partir de campos de conhecimento específicos, estes escorregam, escapam, vazam, nos sentidos que lhes são atribuídos. Nosso objetivo consiste ainda em discutir e analisar quais os conteúdos presentes nos *sites* destinados ao público infantil, o que veiculam especialmente no que diz respeito às relações de gênero e sexualidade.

Palavras-chave: infância, erotização, pedofilia, pedofilização

Introdução

O desenvolvimento acelerado de novas tecnologias e modalidades de comunicação nas últimas décadas têm possibilitado um amplo acesso a informação, incrementado também novas formas de experimentação do desejo afetivo-sexual nas suas mais diversas modalidades. Com isso estamos reinventando “novas” estratégias de prazer, muitas vezes pautadas pela lógica do consumo, onde o sexo é acionado como espetáculo e *performance* (COUTO, 2004; FELIPE, 2010). Dentro dessa lógica, as crianças, em especial as meninas, têm sido colocadas como possibilidade de experimentação do desejo sexual adulto, bem como têm sido estimuladas a produzirem seus corpos, de acordo com os ditames culturais de embelezamento. Tal processo traz consigo reiterados apelos a erotização dos corpos das meninas, em um movimento que temos chamado de pedofilização como prática social contemporânea. É preciso compreender, porém, de que maneira tal processo vem se constituindo ao longo das últimas décadas.

A partir do século XVIII importantes transformações ocorreram em relação às representações de infância, família, bem como sua educação. As crianças passaram a ser percebidas como sujeitos instituídos de uma “natureza”

infantil, possuidoras de características específicas da idade. Vistas como inocentes e frágeis, precisavam agora de proteção do mundo adulto. Deste modo, se instalou uma intensa produção discursiva sobre a infância possibilitando, de certa forma, a veiculação de uma imagem infantilizada e dessexualizada das crianças, de modo que elas deveriam ser protegidas de determinados conhecimentos, com destaque especial para as questões referentes ao sexo e a sexualidade (FELIPE; GUIZZO, 2003). Dessa forma, a infância tem sido acionada como uma espécie de espaço utópico, associada à inocência, ingenuidade, pureza, sensibilidade, como um tempo de felicidade, onde reina o que há de mais puro e bom (BUJES, 2001). A partir de tais concepções, a erótica infantil foi invisibilizada ou mesmo negada. No entanto, é preciso lembrar que os estudos de Freud (1905) possibilitaram pensar que as crianças possuem uma erótica infantil. Desde muito cedo elas descobrem que seus corpos podem proporcionar sensações de prazer e bem-estar e aprendem a exercitar tais sensações através de comportamentos auto-eróticos ou através de jogos com seus/suas amigos/as, apesar da vigilância dos adultos. Como refere Guacira Louro (2007:27).

No centro de tais preocupações estão os pequenos. [...] Redobra-se ou renova-se a vigilância sobre a sexualidade, mas essa vigilância não sufoca a curiosidade, o interesse, conseguindo apenas, limitar sua manifestação desembaraçada e sua expressão franca. As perguntas, as fantasias, as dúvidas e a experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado. Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditando que as questões de sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política.

Mesmo nos dias atuais é relativamente comum encontrarmos muita resistência por parte das famílias, quando se trata de discutir temáticas envolvendo sexualidade nas escolas. Muitos pais e mães temem que o simples fato de esclarecer questões relativas à concepção e nascimento às crianças possa levá-las a antecipar sua vida sexual ou a se tornarem ainda mais curiosas em relação ao sexo. Parece haver uma crença de que crianças são (ou devem ser) assexuadas nessa fase da vida. No entanto, percebe-se uma minuciosa estratégia de controle e vigilância dos corpos infantis, pois

[...] O espaço da sala de aula, a forma das mesas, os arranjos dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios (com ou sem separação, com ou sem cortina), os regulamentos elaborados para a vigilância e o recolhimento e do sono, tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças. (FOUCAULT, 2009:34)

Embora exista hoje uma incitação a se falar de sexo, as crianças ainda permanecem apartadas dessas discussões, pois muitas famílias não conseguem esclarecer suas curiosidades, preferindo calar diante de algum questionamento por parte das crianças. Essa dificuldade que pais, mães e adultos em geral têm de discutir determinados temas que consideram mais delicados e complexos, pode gerar, muitas vezes, situações de risco para as crianças, tornando-as mais vulneráveis em relação a possíveis violências/abusos por parte de adultos. Alguns autores como Vigarello (1998), De Mause (1991) e Àriès (1981) mostraram que, ao longo dos séculos, as crianças não foram poupadas de determinadas vivências, inclusive no campo da sexual.

Sexualidades em rede

A rede virtual de computadores é composta por uma gama de redes de comunicação que transcendem fronteiras. Logo, pesquisar como as crianças estão imersas nesse universo virtual, requer compreender como e que redes e conexões são estabelecidas em tais ambientes. Torna-se um desafio, pois os caminhos são múltiplos, transitórios, exigindo assim a imersão no universo “*on line*” no qual estão inseridas as crianças, espaço esse denominado por Manuel Castells (2003) como espaço de fluxos.

Para contextualizar a temática, é interessante destacar que a internet surgiu a partir de disputas por poder e em pleno cenário de guerra fria, em meados da década de 50 do século XX. Em um primeiro momento, a rede virtual foi utilizada pelos governos das duas potências mundiais da época, a saber, a União Soviética e os Estados Unidos, os quais disputavam o poder mediante a potencialização de seus arsenais bélicos principalmente por intermédio do controle no fluxo de informações. Posteriormente, o uso de tais tecnologias passou a ser disseminado pelo mundo inteiro, quando o acesso à informação pode ser realizado em tempo real, independentemente das distâncias entre os povos.

A veiculação de informações na rede virtual está permeada por relações de poder e por espaços de disputas e tensões. Por intermédio das tecnologias da informação, em particular, da internet, há um processo permanente de hibridação cultural, como aponta Canclini (1997) onde algumas culturas e vozes passam a ser evidenciadas enquanto outras acabam sendo silenciadas.

No campo da sexualidade, surgiram novas modalidades de exercício do prazer e de experimentação do desejo através do mundo informatizado. Dentro desse espectro, a prática

da pedofilia encontrou o seu lugar de exercício, divulgação e expansão. Não se trata aqui, porém, de demonizar as novas tecnologias e, com isso, incentivar o pânico moral, tentando resgatar uma infância com aura de pureza e ingenuidade que ficou para trás, mas talvez seja produtivo nos perguntarmos quais os mecanismos que têm propiciado o borramento de fronteiras entre idade adulta, juventude e infância. Será que as marcas, antes tão bem delimitadas entre essas faixas etárias, e conseqüentemente as práticas – inclusive as sexuais – permitidas para cada uma delas, estão sendo cada vez mais exploradas e permitidas? Quais são, afinal, as fronteiras? Quais são os limites do exercício da sexualidade quando as crianças estão de algum modo, envolvidas?

Neste mundo em rede, acompanhado pela alta tecnologia da informação, temos ainda a ampliação das redes sociais, através da criação de *blogs*, *sites*¹, etc. O ciberespaço se tornou um lugar de experimentação dos desejos e da produção de subjetividades, possibilitando uma integração e mistura entre corpo e máquina. Tal *ciborguização* tem se dado do corpo para com a máquina, da máquina para com os desejos e das subjetividades para com as máquinas. Estamos todos *on line*, *on time*, *full time*, ou seja, se estamos conectados, somos capazes de produzir respostas às mensagens que nos chegam quase que instantaneamente, o tempo todo (ZAGO, 2009).

O Brasil é o país que fica mais tempo *on line*, de 9 a 10 h por dia. Segundo Marta Friederichs (2009) existem no Brasil aproximadamente 6 milhões de blogs na internet feitos por brasileiros. Dos 72,81% usuários do sistema, quase nove milhões são brasileiros. Existem mais de treze milhões e oitocentos mil (13.800.000) usuários cadastrados, sendo o Brasil o país com o maior número de membros, superando inclusive os EUA, segundo país com o maior número de membros, possuindo uma fatia de aproximadamente 10,80%, o que equivale a cerca de 1.400.000 usuários. Em geral, são os mais jovens que têm maior interesse na rede social do *orkut* (aproximadamente 54,74% tem entre 18 a 25 anos). Em média, a cada 35 dias, um milhão de novos usuários ingressa no Orkut.²

Outra rede social em franca expansão é o *facebook*, um *website* de relacionamento social lançado em fevereiro de 2004, fundado por Mark Zuckerberg, ex-estudante de Harvard. Inicialmente, a adesão ao *Facebook* era restrita apenas aos estudantes daquela Universidade,

¹ *Site*, *sítio*, *website*, *websítio*, *sítio na Internet*, *sítio web*, *sítio na web* ou *sítio eletrônico* é um conjunto de páginas web, isto é, de hipertextos acessíveis geralmente pelo protocolo HTTP na Internet. O conjunto de todos os *sites* públicos existentes compõe a *World Wide Web*. Em inglês, surgiu o termo *website* (às vezes *web site*), utilizado para designar um sítio virtual, um conjunto de páginas virtualmente localizado em algum ponto da *Web*. O termo *website* ganhou a forma abreviada *site*, que passou a ser uma segunda acepção do termo original. *Site*, portanto, em inglês, passou a designar alternativamente um lugar real (no campo) ou virtual (na *Web*).

² <http://orkutnobrasil.blogspot.com/2008/11/alguns-dados-estatsticos.html>

expandindo-se posteriormente e hoje pode ser considerada como uma das maiores Redes Sociais, alcançando mais de meio bilhão de usuários em todo mundo, com pretensões de alcançar 600 bilhões ainda este ano (2010)³.

Poderíamos então perguntar como a internet foi sendo apropriada como espaço de sociabilidade? Que condições possibilitaram tal apropriação? Quais as implicações dessas tecnologias para as crianças, especialmente no que se refere à sexualidade e suas práticas?

Notas sobre violência/abuso e exploração sexual de crianças

No Brasil a violência/abuso sexual⁴, bem como a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes⁵ (ESCCA) e a pedofilia têm se constituído como uma das preocupações efetivas na agenda da sociedade civil e das políticas públicas. Muitas vezes esses conceitos se confundem e se sobrepõem. Como esclarece Laura Lowenkson (2010), a exploração sexual comercial infanto-juvenil envolve aliciadores, clientes, estabelecimentos comerciais, hotéis, bares, agências de viagens, etc., incluindo as seguintes modalidades: prostituição, tráfico para comércio sexual, turismo sexual infantil e pornografia infantil. O termo está vinculado, portanto, a idéia de vulnerabilidade de gênero, de classe, de raça e também de idade.

Estima-se que 100 mil crianças e adolescentes sejam exploradas sexualmente no Brasil. Esse número corresponde a 13% do total das mais de 60 mil denúncias que o DISQUE 100 - Disque Denúncia Nacional de Abuso e Exploração Sexual Contra Crianças e Adolescentes - recebeu até março de 2008, segundo dados da Secretária Especial dos Direitos Humanos – Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente. O Disque Denúncia é um serviço de discagem direta e gratuita disponível para todos os estados brasileiros e tem como objetivo acolher denúncias de violência contra crianças e adolescentes, buscando interromper a situação revelada. Outro tipo de denúncia acolhida pelo serviço é a de crime de tráfico de pessoas, incluindo o rapto ou desaparecimento de menores para fins sexuais.

³ (Caderno de Economia do Diário Catarinense, 22/7/2010, p.19)

⁴ Usamos aqui a expressão *violência/abuso sexual* e não simplesmente *abuso sexual*, posto que a palavra *abuso* supõe a possibilidade de se fazer uso de alguma coisa. Como no caso do álcool, que tem seu uso permitido, mas se o sujeito abusa, é porque extrapolou de sua cota, passando dos limites aceitáveis para o convívio social. A expressão "*abuso sexual*" pode dar a impressão de que algum uso desse corpo infantil é aceitável, permitido. Portanto, utilizaremos sempre a expressão *violência/abuso sexual* para enfatizar o primeiro termo, ou seja, abuso remete à violência, mesmo que tenha sido praticado de forma sedutora por parte do adulto, de modo que a criança não lhe conferiu qualquer resistência. O que está em jogo fundamentalmente é a desigualdade de poder entre adultos e crianças.

⁵ No Brasil o Estatuto da Criança e o Adolescente (ECA) considera adolescente o indivíduo que tem entre 12 a 18 anos.

A III Jornada Estadual contra a Violência e a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes⁶ trouxe resultados preocupantes: a cada 8 horas uma criança era vítima de violência/abuso sexual e em 70% dos casos tal situação se dava nas relações intrafamiliares. Diante deste quadro, torna-se necessário e urgente estabelecermos um amplo debate sobre as relações de poder socialmente construídas e sistematicamente reforçadas entre homens e mulheres, adultos e crianças, especialmente no âmbito familiar. Neste sentido, é importante perceber de que forma as masculinidades e as feminilidades são construídas na nossa cultura. O conceito de gênero, ao rejeitar a idéia de “essência” ou “natureza” para explicar os comportamentos masculinos e femininos, e conseqüentemente as desigualdades entre ambos, enfatiza os aspectos relacionais, históricos, sociais e culturais na construção das masculinidades e feminilidades. Desse modo, os homens, desde a mais tenra infância, têm sido ensinados a satisfazer seus desejos através da agressividade, da competição, do controle sobre os outros, enquanto as mulheres são educadas a jamais se meterem em confusão, a exercerem comportamentos mais sensíveis e voltados para o cuidado (da casa, dos filhos, do marido, dos pais idosos).

Um dos aspectos mais preocupantes no que se refere a essa desigualdade de poder, e que tem merecido a atenção do poder público e de várias entidades civis em defesa da criança e do adolescente, diz respeito à prática da pedofilia, especialmente aquela cometida através da Internet, uma vez que envolve a produção de material pornográfico utilizando imagens de crianças, muitas vezes submetidas a toda sorte de violência sexual. O Brasil ocupa um dos primeiros lugares no *ranking* de produção de material pornográfico, com mais de 1000 endereços na internet. Um dos nichos desse material refere-se à pornografia infantil, com o intuito de abastecer o mercado da pedofilia.⁷ Essa rede se organiza internacionalmente, de modo que existem facções em todos os lugares onde há pessoas interessadas em obter acesso a esse tipo de material.

É importante lembrar que, nas suas origens, o termo pedofilia designava o amor de um adulto pelas crianças (do grego antigo *paidophilos*: *pais* = criança e *phileo* = amar). No entanto, a palavra foi incorporada ao saber médico, tomando outro sentido, sendo designada para caracterizar comportamentos inadequados socialmente, em termos sexuais. De acordo

⁶ A III Jornada Estadual contra a violência e exploração sexual de crianças e Adolescentes ocorreu na cidade de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul – Brasil, em 2005.

⁷ Dados divulgados pela Telefono Arcobaleno, associação italiana para a defesa da infância, que trabalha com informações do FBI, da Interpol e de polícias de vários países. Em seu balanço anual de 2003, a Associação catalogou 17.016 endereços na Internet veiculando pornografia infantil, dos quais 1.210 eram brasileiros (ver reportagem da Revista *Isto É*, “Pedofilia prolifera pela Internet e transforma o Brasil no quarto país do ranking mundial da pornografia infantil”, de 24/10/04).

com o Catálogo Internacional de Doenças (CID)⁸, a pedofilia é considerada um transtorno de preferência sexual, classificada como parafilia (*para* = desvio; *filia* = aquilo para que a pessoa é atraída) e também como uma perversão sexual. O CID é bastante minucioso no que se refere à classificação de tais transtornos, sendo a pedofilia assim definida como:

Uma preferência sexual por crianças, usualmente de idade pré-puberal ou no início da puberdade. Alguns pedófilos são atraídos apenas por meninas, outros apenas por meninos e outros ainda estão interessados em ambos os sexos. A pedofilia raramente é identificada em mulheres. Contatos entre adultos e adolescentes sexualmente maduros são socialmente reprovados, sobretudo se os participantes são do mesmo sexo, mas não estão necessariamente associados à pedofilia. Um incidente isolado, especialmente se quem o comete é ele próprio um adolescente, não estabelece a presença da tendência persistente ou predominante requerida para o diagnóstico. Incluídos entre os pedófilos, entretanto, estão homens que mantêm uma preferência por parceiros sexuais adultos, mas que, por serem cronicamente frustrados em conseguir contatos apropriados, habitualmente se voltam para crianças como substitutos. Homens que molestam sexualmente seus próprios filhos pré-púberes, ocasionalmente seduzem outras crianças também, mas em qualquer caso seu comportamento é indicativo de pedofilia.

A pedofilia está classificada juntamente com outros transtornos elencados pelo CID como parafilias: *voyerismo*, *exibicionismo*, *fetichismo*, *travestismo fetichista* e *sadomasoquismo*, sendo esta última modalidade também considerada uma perversão sexual. Segundo o CID:

As parafilias são caracterizadas por anseios, fantasias ou comportamentos sexuais recorrentes e intensos que envolvem objetos, atividades ou situações incomuns e causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo. As características essenciais de uma parafilia consistem de fantasias, anseios sexuais ou comportamentos recorrentes, intensos e sexualmente excitantes, em geral envolvendo: 1) objetos não-humanos; 2) sofrimento ou humilhação, próprios do parceiro, ou 3) crianças ou outras pessoas sem o seu consentimento.

Tais definições, associadas às campanhas em torno do combate à violência/abuso sexual e a uma ampla divulgação na mídia envolvendo padres, médicos, educadores, artistas e outros tantos sujeitos acusados de pedofilia, têm levado a mudanças de comportamento, ocasionando uma espécie de pânico moral, através do monitoramento de possíveis ações que antes pareciam inofensivas, mas que hoje podem ser interpretadas ou mesmo confundidas como nocivas às crianças.

⁸Para um maior detalhamento, ver Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas – Coord. Organiz. Mund. da Saúde; trad. Dorgival Caetano –, Porto Alegre, Artes Médicas, 1993. Ver ainda <http://www.virtualpsy.locaweb.com.br/index2>

Outro ponto importante nessa discussão é que por mais que tentemos enquadrar os sujeitos – como normais ou patológicos, por exemplo -, os conceitos e as inúmeras tentativas de categorização dos comportamentos em torno daquilo que pode ou não ser considerado normal ou patológico, escorregam, vazam, escapam. As tentativas de categorização dos comportamentos são produções no campo da linguagem, e estas sempre parecem insuficientes para dar conta da complexidade dos comportamentos e sentimentos aos quais estamos sujeitos. Também é importante pensar que alguns comportamentos tidos como inaceitáveis em determinada época ou cultura, podem se constituir na atualidade como naturais e até mesmo desejáveis.

Pedofilização como prática social contemporânea

O conceito de pedofilização tem por objetivo problematizar algumas interessantes contradições percebidas nas sociedades contemporâneas, em especial a brasileira, pois ao mesmo tempo em que se criam leis para proteção à infância e adolescência contra os maus-tratos, a negligência, o abandono, a violência/abuso sexual, a exploração sexual comercial e a pedofilia, por outro lado, essa mesma sociedade legitima determinadas práticas sociais, seja através da mídia – publicidade, novelas, programas humorísticos –, seja por intermédio de músicas, filmes, etc., em que os corpos infanto-juvenis são acionados de forma extremamente sedutora, corpos desejáveis que se misturam, em suas expressões gestos, roupas e falas, modos de ser e de se comportar bastante erotizados.

As propagandas brasileiras, tanto impressas quanto aquelas veiculadas na TV, se utilizam fartamente do recurso de exibição dos corpos femininos com forte apelo erótico. Propagandas de cervejas, de carros, de calçados, dentre tantas outras, remetem a idéia de um corpo para o consumo, que pode ser acionado para o deleite de fantasias sexuais, especialmente as masculinas. Como é possível perceber, o corpo erotizado é constantemente colocado em discurso através de diferentes artefatos culturais, produzindo assim o que chamamos de pedagogias da sexualidade (LOURO, 1999). Também é importante analisar o quanto, nas últimas décadas, tem acontecido um borramento de fronteiras entre os conceitos de erotismo, pornografia e obscenidade, bem como em relação às faixas etárias – infância, juventude e idade adulta. Com as tecnologias que incrementam também o campo da estética e do embelezamento, temos presenciado uma supervalorização da juventude, estado almejado tanto por crianças quanto por adultos.

Pesquisa realizada por Lúcia Castello Branco (2004:21) evidencia que no Brasil, a partir de decreto datado de 1970, a pornografia passou a ser compreendida como qualquer publicação ou exteriorização contrária à moral e aos bons costumes e que explore a sexualidade. A autora chama a atenção para o fato de que o conceito de pornografia é variável e depende do contexto no qual está inserido.

Com o surgimento da indústria cultural, a distinção entre obras eróticas e pornográficas começa a recair forçosamente na distinção entre cultura erudita e cultura de massa, não menos problemática. Passam a ser consideradas eróticas as chamadas obras de arte que abordem temas vinculados direta ou indiretamente à sexualidade, enquanto são relegadas ao segundo plano, o da pornografia, as obras sobre sexo, produzidas em série, e com o objetivo prioritário de comercialização e consumo.

Na sociedade brasileira, a indústria pornográfica movimenta um amplo mercado consumidor, cujos lucros são estimados em cifras milionárias. Os dados referentes ao mercado de produtos no Brasil disponibilizados pela Associação Brasileira das Empresas do Negócio Erótico e Sensual (conforme levantamento realizado no ano de 2009) revelam a expansão do mercado pornográfico no Brasil, em especial de materiais e produtos cujo acesso é facilitado pela rapidez das informações veiculadas na internet⁹. No ano de 2009, a empresa de tecnologia Symantec, situada na Nova Zelândia, realizou uma pesquisa¹⁰ com um total de sete mil usuários de Internet de oito países. 55% do total eram de brasileiros, considerados os atuais campeões de acesso a *sites* de cunho pornográfico.

Paralelo ao mercado pornográfico adulto, a ampliação no acesso à internet culminou também numa maior visibilidade as questões referentes à pornografia infantil e pedofilia. Em decorrência, vislumbramos o aumento no número de denúncias e, conseqüentemente, o surgimento de novas regulamentações voltadas a disciplinar as práticas sexuais e sua divulgação nos ambientes virtuais.

Tal processo, em toda a sua complexidade, tem justificado, de certa forma, a inclusão de crianças como objeto de desejo e consumo. Poderíamos, então, nos perguntar se, de certa forma, não estaríamos construindo um olhar pedófilo, incitando a produção de masculinidades e feminilidades pautadas nessa lógica. Ou seja, de que maneira estamos construindo esse olhar masculino em torno das meninas, colocadas como objeto de sedução? Ao

⁹ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/economia/mercado-erotico-cresce-15-ano-brasil> acesso em 30/04/2010

¹⁰ Disponível em: <http://pt.shvoong.com/humanities/1777637-brasileiros-s%C3%A3o-campe%C3%B5es-em-acessar/> acessado em 30/04/2010

disponibilizarmos determinadas imagens das menininhas não estamos construindo apenas um modo de representá-las direcionadas somente para os homens, mas também para as próprias meninas e adolescentes, que vão sendo subjetivadas por essas pedagogias da sexualidade. Elas aprendem que para serem desejadas, amadas, valorizadas, precisam se comportar de determinada forma, que o poder das mulheres está constantemente referido e atrelado à sua capacidade de sedução, que passa por um belo corpo e a utilização deste como performático.

O relatório de 2009 intitulado “*On line Child Abuse and Sexual Exploitation*”¹¹, publicado anualmente pela Organização Não-Governamental (ONG) italiana Telefono Arcobaleno, mapeou, em todo o mundo, 49.393 *sites* de conteúdo pornográfico infantil, o que representa um aumento de 16,5% em comparação ao ano de 2008. Os dados coletados apontam que diariamente são disponibilizados em torno de 135 novos *sites* de pornografia infantil, os quais são acessados por aproximadamente, 100 mil pessoas por dia. O número expressivo de acessos tem despertado a atenção das empresas ligadas ao mercado do sexo que procuram esses *sites* para anunciar seus produtos contando com cerca de 3.500 *sites* desse tipo financiados por publicidade.

Convém destacar que apesar da pedofilia ter estado sempre presente na história da humanidade, com o advento da internet, ela passou a ter maior visibilidade e organização. De julho de 2008 a fevereiro de 2010, mesmo após o acordo entre a rede social Orkut e o Senado, com o objetivo de combater crimes sexuais contra crianças e adolescentes, foram registrados 14.001 (quatorze mil e um) delitos desse tipo, o que corresponde a uma média de quase um crime por hora.”¹² Isso não significa um aumento nos casos, mas as mudanças ocorridas principalmente na última década com relação às formas utilizadas pelos pedófilos para acessarem as suas vítimas.

Segundo relatos de agentes da polícia federal do Rio Grande do Sul¹³ uma das maiores dificuldades no combate a tais crimes cibernéticos está no enquadramento jurídico dos indiciados. Tal situação decorre, em parte, em função das falhas na legislação penal, cujo código data da década de 40. Outro problema é que os provedores (onde tais *sites* estão hospedados) são registrados em outros países, o que requer autorização e ações em parceria

¹¹ Disponível em http://www.telefonoarcobaleno.org/report2009-eng_web.pdf acesso em 04/06/2010

¹² (Jornal *O Sul*, 12/05/2010, p.13). *Orkut* é uma rede social filiada ao Google, criada em 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google.

¹³ Entrevista realizada em abril de 2009 com a Delegada da DELINST – Delegacia Institucional da Polícia Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

com a Polícia Internacional para a quebra do sigilo de identificação dos usuários (ID), processo moroso e burocrático. Embora a internet possibilite um interessante borramento de fronteiras entre países e culturas, em termos legais, a legislação ainda está atrelada aos limites territoriais.

Os sites para crianças: promovendo a pedofilização?

Em tempos não muito distantes, pais/mães e professoras/es costumavam aconselhar as crianças para que evitassem conversar com pessoas estranhas quando estivessem sozinhas em locais públicos, como por exemplo, no trajeto que percorriam de suas casas à escola. Com as rápidas transformações e avanços das mídias eletrônicas e, em particular, a internet, adultos e crianças passaram a compartilhar cada vez mais das mesmas informações disponibilidades no universo virtual. Como consequência, muitas crianças mesmo sem sair da suposta “proteção” de seus lares, passaram a interagir com diferentes espaços públicos e com muitos desconhecidos, trazendo novas discussões no que tange a educação e a segurança no ambiente virtual. David Buckingham (2007, p.147) afirma que as práticas voltadas à proteção das crianças são questionáveis uma vez que:

Os muros que cercam o jardim sagrado da infância ficaram muito frágeis de pular. E, contudo, as crianças, principalmente as pequenas, participam cada vez mais de mundos culturais e sociais que são inacessíveis, e mesmo incompreensíveis, para seus pais.

Vivemos nos últimos anos uma crescente expansão da indústria midiática e a diversidade de conteúdos veiculados, em particular, nos sites classificados como “infantis”, que são repletos de jogos, chats, histórias e inúmeras outras atividades disponíveis “on line”.¹⁴

Aliada a tal realidade, observamos a crescente oferta de artefatos culturais como sites, chats, blogs, entre outros, além de políticas públicas destinadas a universalização do acesso à internet, em geral, priorizando o público infante-juvenil. Paralelo a ampliação ao acesso, pesquisas realizadas pela Organização Não-Governamental Safer Net revelam que, pelo menos 06 em cada 10 crianças, já mantiveram contatos com pessoas desconhecidas na internet. De acordo ainda com os dados da ONG, no Brasil, há um crime sexual por hora sendo praticado.

¹⁴ Alguns dos sites foram acessados através do Google mediante a escrita da expressão “sites infantis”, o que resultou na indicação de uma infinidade de sugestões de endereços eletrônicos contendo os mais variados conteúdos.

Buscando alternativas e formas de proteção das crianças diante dos “perigos virtuais”, pais, mães, educadores/as, instituições educativas e diferentes segmentos sociais passaram a intensificar os debates por ações voltadas à proteção contra crimes tais como pedofilia. Entre tais formas de proteção, muitas famílias acabam aderindo para a instalação de sistemas operacionais (*softwares* com programas de bloqueio de acesso) destinados a restrição do acesso a somente *sites* cujos conteúdos são classificados como “seguros”. Ocorre que, no Brasil, não raras vezes, os adultos possuem um conhecimento bastante limitado com relação ao funcionamento de tais mecanismos assim como do uso dos artefatos midiáticos. As crianças, por sua vez, nascidas sob a égide da internet, dominam tais sistemas de funcionamento e demonstram maior facilidade em lidar com tais ferramentas, razão pela qual acabam desbloqueando tais sistemas.

Geralmente os *sites* classificados como “infantis” possuem portas de acesso para páginas eróticas ou com materiais pornográficos e também a diversas salas de bate-papo. A divulgação de materiais de cunho erótico é feita através dos próprios sites por meio de ícones (em geral desenhos ou palavras estrangeiras), muitos dos quais sem aviso ou qualquer restrição. As atividades propostas incluem jogos de quebra-cabeça, memória, tiro ao alvo, com cenas eróticas envolvendo desenhos animados popularmente conhecidos do público infantil.

No caso de *sites* voltados para as meninas a ênfase recai sobre as atividades voltadas ao culto e embelezamento do corpo, aos cuidados da casa e a busca do par perfeito. No que tange aos meninos, observa-se que a maioria das atividades propostas compreende jogos de ação, raciocínio matemático ou velocidade. Portanto, os sites infantis enquanto artefatos culturais contribuem para a produção e disseminação de determinados padrões, produzindo efeitos de verdade, como o culto ao corpo e de toda a parafernália tecnológica para mantê-lo jovem. Em alguns dos sites pesquisados há um incitamento para que a criança experimente jogos eróticos (beijar o namorado ou o super herói) e engane os adultos:

Clique e segure para beijar enquanto o chefe está dormindo, mas cuide para que ele não flagre vocês! Quanto mais tempo você beijar, mais pontos você vai ganhar. Marque 1.000 pontos em 200 segundos para vencer o jogo¹⁵

Quando os vilões não estiverem olhando, aproveite e... Realize seu velho sonho de beijar o misterioso e heróico aracnídeo neste jogo online! Mas não dê bobeira: os vilões estão só esperando uma chance para pegar o Homem-Aranha distraído. Portanto, só beije quando ninguém estiver olhando!¹⁶

¹⁵http://www.girlsgogames.com.br/jogo/beijos_no_estabulo.html

¹⁶ <http://www.jogueaki.ig.com.br/jogos-online.php?jogo=spider-man-kiss>

Esta é a única chance que este casal tem para se beijar nesta tarde! Ajude-os nesta difícil missão de beijar em locais públicos, na hora do lanche, sem que ninguém perceba¹⁷.

Pensando nas pedagogias produzidas em torno da sexualidade e a partir da compreensão de que a educação acontece numa variedade de locais sociais, além do espaço escolar, e que as pedagogias culturais produzem conhecimentos e ensinam modos de ser e estar no mundo, defendemos aqui a importância de ampliarmos tal discussão no âmbito da escola (especialmente na formação de professores/as), bem como em várias áreas do conhecimento que, de uma forma ou de outra, se deparam com questões em torno da sexualidade e das relações de gênero, pois estas são compostas de relações de poder. Tanto crianças, adolescentes, jovens e adultos podem ser desafiados a pensar nas formas como os sujeitos estão sendo produzidos, como suas identidades, inclusive as sexuais, vêm se constituindo a partir de diferentes discursos.¹⁸

Os artefatos culturais contemporâneos, em especial a cultura visual a que temos amplo acesso, apelam para uma convocação do exercício da sexualidade, de modo que, crianças e adolescentes são cada vez mais cedo interpeladas por tais discursos. Que educação para a sexualidade estamos produzindo? O que estamos mesmo pretendendo? Quais são os limites (nossos, das crianças, do poder público, da mídia, da arte?) Ou será que em tempos de diversidade e de borramento de fronteiras, não há mais sentido nos perguntamos sobre eles?

Referências

ABREU, Nuno. *O olhar pornô. A representação do obsceno no cinema e no vídeo*. Campinas-SP, Mercado das Letras, 1996.

ARIÈS, Phillippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

BRANCO, Lucia Castelo. *O que é erotismo*. São Paulo, Brasiliense, 1987; HUNT, Lynn. (org.) *A invenção da pornografia. Obscenidade e as origens da modernidade. 1500-1800*. São Paulo, Hedra, 1999;

BUCKINGHAM, David. *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Loyola, 2007.

BUJES, Maria Isabel E. *Infâncias e Maquinarias*. Rio de Janeiro, DP&A, 2001

¹⁷ http://www.supermeninas.com.br/namoro/gourmet_kiss-1103.html

CÂMARA, Adriane Peixoto. Masculinidade heterossexual e pedofilização: o universo infantil como recurso erótico em revistas masculinas. Proposta de Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, UFRGS - Faculdade de Educação, 2006.

CANCLINI, Nértor Garcia. *Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia Internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

COHN, Clarice. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

COUTO, Edvaldo Souza. *Uma estética para corpos mutantes*. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). *Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d) eficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS – Editora: 2007.

CUNHA, Susana Rangel Vieira. *Educação e Cultura Visual: uma trama entre imagens e infância*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

DE MAUSE, Lloyd. *Historia de la infancia*. Madrid, Alianza Universidad, 1991.

DORNELLES, Leni Vieira. *Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

ELKIND, David. *Sem tempo para ser criança: a infância estressada*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo pedófilo? *Cadernos Pagu* (26), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/UNICAMP, 2006, pp.201-223.

_____. Erotização dos corpos infantis. In: Louro, G.L. et alii (orgs.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 5ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil*. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/SOUZA.pdf>> acessado em 28 fev.2008

_____. *Entre tias e tiazinhas: Pedagogias culturais em circulação*. In Luiz Heron Silva (org.). *Século XXI: qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999.

FELIPE, J. e GUIZZO, B. S. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, D. e SOARES, Rosângela. (orgs.) *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Porto Alegre, Mediação, 2004;

FELIPE, Jane e GUIZZO, Bianca Salazar. Discutindo a “pedofilização” da sociedade e o consumo dos corpos infantis. *Anais do XIV Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, Editora da Unicamp, 2003 (CD-ROM);

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro, Imago, vol. 7, Obras Completas, 1905.

FRIEDERICHS, MARTA. Mulheres “on line” e seus diários virtuais: corpos escritos em blogs. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, UFRGS - Faculdade de Educação, 2009.

GUERRA, Judite. “Dos segredos sagrados”: gênero e sexualidade no contexto de uma escola infantil. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, UFRGS, 2005.

HUNT, Lynn. (org.) *A invenção da pornografia. Obscenidade e as origens da modernidade. 1500-1800*. São Paulo, Hedra, 1999;

LANDINI, Tatiana. Pornografia Infantil na Internet: proliferação e visibilidade. Dissertação de Mestrado em Sociologia, USP, 2000

LOURO, G. L. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

___ (org.). *O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOWENKSON, LAURA. ABUSO SEXUAL, EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS, PEDOFILIA: DIFERENTES NOMES, DIFERENTES PROBLEMAS? RIO DE JANEIRO: CLAM, Nº 5, 2010.

MEYER, Dagmar. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MORAES, Eliane Robert e LAPEIZ, Sandra Maria. *O que é pornografia*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

SANDERSON, Christiane. *Abuso sexual em crianças: Fortalecendo pais e professores para proteger crianças contra abusos sexuais e pedofilia*. São Paulo: M.Books do Brasil, 2008.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe (Orgs.). *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2001.

VIGARELLO, Georges. *História do estupro: violência sexual nos séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

WALKERDINE, V. A cultura popular e a erotização das garotinhas. Op. cit.; FELIPE, J. “Pedofilização” como prática social contemporânea: uma análise cultural a partir dos Estudos de Gênero. Porto Alegre, UFRGS, Projeto de Pesquisa, 2005.

WALKERDINE, Valerie. O raciocínio em tempos pós-modernos. In: *Educação & Realidade*. 20(2), jul/dez 1995, p.207-226.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WINCLER, Carlos Roberto. *Pornografia e sexualidade no Brasil*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes, 2000.

ZAGO, Luiz Felipe. Masculinidades disponíveis.com : sobre como dizer-se homem gay na internet. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, UFRGS - Faculdade de Educação, 2009.

Sites consultados

<http://diganaoerotizaoinfantil.wordpress.com/007/10/23/aracelli-simbolo-da-violencia/>. Acessado em 18/10/2008

www.jogueaki.com.br acessado em 19/11/2008

<http://midiaboom.com.br/2010/02/18/confira-os-dados-do-facebook-que-comemora-6-anos/> Acessado em 05/05/09

<http://www.jogueaki.ig.com.br/jogos-online.php?jogo=spider-man-kiss> Acessado em 05/05/09

http://www.supermeninas.com.br/namoro/chelsea_clinton_wedding_kiss-2999.html Acessado em 07/08/10

http://www.supermeninas.com.br/namoro/naughty_hospital-985.html Acessado em 07/08/10

http://www.supermeninas.com.br/namoro/occupational_hazard-979.html Acessado em 07/08/10

http://www.supermeninas.com.br/namoro/gourmet_kiss-1103.html Acessado em 11/8/10

http://www.girlsgogames.com.br/jogo/beijos_no_estabulo.html Acessado em 11/8/10